
Extensão: um encontro de saberes¹

Aparecido Santos do CARMO²
Jaqueline Michele da Silva BRAZ³
Mariana Cristina MOURO⁴
Monique de Souza Sant'Anna FOGLIATTO⁵
Benedito Dielcio MOREIRA⁶

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o processo de interação e de trocas mútuas entre extensionistas e comunidades participantes do projeto “Educomunicação, Ciência e Outros Saberes”. Neste processo, discute-se a extensão enquanto troca de saberes, não como saber superior e imutável que somente os universitários detêm. Para a discussão, apresentam-se os relatos das atividades desenvolvidas, depoimentos de professores e acadêmicos envolvidos com o projeto. Destaca-se também a contribuição da comunidade para o desenvolvimento profissional e humano dos estudantes universitários extensionistas.

Palavras-chave: Educomunicação; Extensão; Extensionista; Jovens.

Introdução

A extensão universitária tem o papel de levar o conhecimento discutido e aprendido na atividade acadêmica para a população. Neste trabalho são apresentadas as discussões em torno da presença extensionista da Universidade na sociedade, assim como as práticas. O exemplo de extensão universitária utilizado neste trabalho é o do projeto de pesquisa e de intervenção “Educomunicação, Ciência e Outros Saberes: Um estudo compartilhável em narrativas transmídias”, elaborado e executado pela Universidade Federal de Mato Grosso, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação e com o Instituto Federal de Mato Grosso, de Tangará da Serra.

O projeto ocorreu em nove escolas estaduais de Mato Grosso no ano de 2016. O princípio básico do projeto é a prática do trabalho colaborativo e o compartilhamento de

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2017

² Aluno do 7º semestre de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: cido.snts@gmail.com

³ Aluna do 7º semestre de Comunicação Social habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: jaquelinebraz.5@gmail.com

⁴ Aluna do 7º semestre de Comunicação Social habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: m.mouro23@gmail.com

⁵ Aluna do 7º semestre de Comunicação Social habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: moniquefogliatto@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA-UFMT). E-mail: dielcio@hotmail.com.

conteúdos, envolvendo os saberes populares e escolares. Para a promoção do trabalho colaborativo no interior das escolas foram desenvolvidas oficinas de Audiovisual, Fotografia, Jornalismo, Outros Saberes e Narrativas Criativas. Como resultado deste projeto, foram criados pelos estudantes participantes diversos vídeos, reportagens fotográficas, jornais, contos e textos, que posteriormente foram compartilhados na Plataforma Mais 10⁷, site desenvolvido para divulgação destes conteúdos.

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em pesquisa bibliográfica de textos que abordam o tema extensão universitária e depoimentos de dois professores, e participantes do projeto em suas respectivas escolas. Além disso, foram realizadas entrevistas com estudantes universitários que participaram do projeto, suas experiências e seus olhares sobre a prática extensionista.

Extensão

O conteúdo apreendido em sala de aula, durante discussões em grupos de pesquisa, ou em leituras, é de suma importância que seja compartilhado, não somente deixado oculto para ganho próprio. O compartilhar das informações, dos aprendizados, faz com que todos os envolvidos nesse processo possam se beneficiar das reflexões. Aqui, neste estudo, compartilhar não é transmitir, mas ouvir, dialogar.

O aluno extensionista é convidado a não mais a crer que o seu conhecimento é único. Para ele, agora é solicitado o compartilhamento do que sabe e participar de compartilhamentos do que ainda não sabe. Compartilhar, do dicionário da língua portuguesa, significa dividir, tomar partido em; fazer parte de algo com alguém. E o termo que mais interessa a este trabalho é “fazer parte de algo com alguém”. Ou seja, ser um colaborador e aprendiz de conhecimentos junto à comunidade a que o projeto se insere; somar com os integrantes das comunidades envolvidas a fim de construir novos horizontes acerca dos temas abordados.

A partir desta troca de conhecimentos, os estudantes extensionistas e os sujeitos das comunidades vivem em diálogos constantes, o que se encaixa aos termos que Freire (2006) emprega em sua obra “Extensão ou Comunicação?” Neste momento, o termo “estender algo a”, para o extensionista que compartilha do conhecimento, aberto ao novo, ao conhecimento popular das comunidades faz todo o sentido. Ao estender um saber a alguém, abrem-se espaços para receber de volta o que está sendo oferecido.

⁷ Plataforma Mais 10: www.ufmt.br/mais10educucomunicacao

Quando alguém compartilha recebe sempre algo de volta. Nunca continua o mesmo. Ou seja, o ato de estender-se a alguém com o propósito de compartilhar algo torna quem o faz aberto às transformações. Assim ocorre com o extensionista: ao se deparar com uma dada realidade (diferente da sua), ocasionará algo de diferente nele.

A extensão, portanto, para esse projeto, segue a linha de raciocínio segundo a qual um projeto de extensão, os extensionistas e os membros da comunidade participante são vistos como parte integrante da qualificação intelectual e humana de cada um. No que diz respeito aos estudantes extensionistas, a extensão não deve ser vista como um trabalho independente, uma “prestação de serviços”, mas como construção literal do sujeito enquanto indivíduo social e enquanto estudante acadêmico. A extensão, para utilizar o termo reconhecido nas universidades quando seus agentes vão a campo atuar com a comunidade, não pode ser pensado como algo que se passa do lado de fora dos muros das escolas universitárias,

ou seja um tipo de prestação de serviços da universidade para a sociedade. A ideia aqui contida defende a extensão não como uma opção de professores e alunos sensibilizados com o outro e suas carências, mas como parte do aprendizado que supõe ouvir o outro e com ele interagir, cada um com a sua história e os seus saberes. (MOREIRA, 2014, p. 340)

Assim, na perspectiva de ser capaz de acompanhar a visão de Freire, o projeto “Educomunicação, ciência e outros saberes: um estudo do trabalho colaborativo e compartilhável em narrativas transmídias” surge com este modelo de trocas e de aprendizados. Neste projeto, estudantes de graduação, juntamente com professores, realizam visitas semanais às escolas estaduais distribuídas em zonas rurais e urbanas do Estado. Ao todo, nove escolas fizeram parte do projeto, quatro da zona rural e as demais urbanas.

Em todos os encontros, estudantes universitários e alunos das escolas compartilham seus conhecimentos e sensibilidades, materializados em textos jornalísticos, poéticos, ficcionais, produção de vídeos e fotografia. Assim, além do conhecimento escolar, os saberes populares, como os medicinais, por exemplo, as lendas, festas da comunidade, tradições, manifestações culturais e folclóricas convertem-se em histórias de criatividade, de documentação e respeito à história e vida de cada comunidade.

Durante todos os encontros existe esse diálogo, a interação, o conhecimento é conversado de igual para igual. Um abre-se ao outro, o que faz com que ambos cresçam

em sabedoria, com ganho tanto para um, quanto para o outro. Nesse processo, tudo o que há de saberes, de epistemologia, também é “socializado”, como explica Duarte (2008, p.10) ao tratar da necessidade de socialização do conhecimento científico: “Esse é o pressuposto básico no trabalho de extensão de uma universidade e, portanto, compromisso também do Núcleo de pesquisa”.

É neste intuito, neste sentido, que deve acontecer a extensão e também a pesquisa, para que o aprendizado ao longo do percurso acadêmico seja compartilhado, socializado. Um dos formatos apreendidos é o do ensinar para aprender. Os estudos sempre ganham impulso quando os saberes pessoais são compartilhados os saberes dos outros. É sem sombra de dúvidas um método rico e eficaz. É doar-se, e junto com o doar é também receber. É “troca de saberes”.

A extensão na comunidade

A construção do conhecimento científico está intrinsecamente ligada à ideia de universidade enquanto centro de produção e reprodução de saberes. O fato é que as Universidades sempre produziram um conhecimento compartilhável e compreensível apenas entre seus pares. Assim, acabou-se por criar uma idealização na qual os centros de pesquisas universitários seriam verdadeiros mananciais do conhecimento, dos quais a sociedade civil não teria acesso ou nada compreenderia, conhecimentos estes inviabilizados pela linguagem específica e pela complexidade das fontes e métodos, nos quais os pesquisadores se apoiam para realizar determinadas pesquisas.

Em contrapartida, os projetos de extensão surgem nas Universidades como uma alternativa para desconstruir a imagem elitista formada durante anos na mentalidade da sociedade civil. De caráter essencialmente educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, os projetos de extensão surgem como alternativa a tornar mais compreensível o conhecimento científico a uma dada realidade e, principalmente, fazer com que a sociedade compreenda seus objetivos de maneira prática, aplicável ao seu cotidiano. Assim sendo, os projetos de extensão acabam por desconstruir o paradigma do engessamento do conhecimento científico, atuando de forma que os envolvidos de ambas as partes, cidadãos e pesquisadores, atuem em conjunto a fim de promover modificações na realidade estudada.

O projeto “Educomunicação, Ciência e Outros saberes” se encaixa nessa realidade exposta na medida em que estabelece como objetivo discutir a utilização

propositiva dos dispositivos tecnológicos em sala de aula, cotidianamente utilizado pelos jovens. O estranhamento foi distinto e diferenciado nas localidades em que a proposta foi discutida, mesmo porque em algumas escolas os professores estavam acostumados ao modelo tradicional de ensino, baseado na Educação Bancária, teorizada por Paulo Freire. Para alguns professores, o celular era um obstáculo à compreensão e internalização dos conhecimentos apresentados em sala de aula. Por outro lado, muitos professores que se beneficiavam de algum modo dessa prática, permitiam a utilização do celular em momentos específicos, a fim de promover pesquisas em sites de buscas.

Apesar das diferentes realidades encontradas, a aceitação dessa nova proposta ocorreu de modo natural, na medida em que as oficinas aconteciam, e, principalmente, a partir da apresentação dos produtos como resultado do trabalho coletivo. Os produtos em formato de vídeo, áudio, textos jornalísticos e criativos, principalmente a ideia de retratar o cotidiano, atuaram como elementos atrativos, tanto para os alunos, que descobriram novas formas de utilizar o celular e produzir conhecimento, tanto para os professores que buscaram desconstruir a ideia de “oferecer” o conhecimento, em seu formato de ensino tradicional. Para a equipe da universidade, as desconstruções não foram menores nem menos complexas. Muitos da equipe costumam dizer que mais aprenderam do que ensinaram.

A partir dessa realidade prática vivenciada durante meses, pudemos atuar de forma a desconstruir a visão, sobretudo em nossa equipe, acerca do conhecimento elitista e engessado produzido pela universidade, de forma que o conhecimento teórico servisse sim de embasamento, mas discutido enquanto proposta transformadora. Assim, a partir dos relatos dos membros das comunidades escolares envolvidas e dos participantes do projeto, entendemos que o caminho do diálogo e da desconstrução mútua de estereótipos, preconceitos e saberes hierárquicos atuam positivamente no uso das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem.

O Projeto e Seus Desdobramentos

A relação entre a sociedade e a universidade deve ser elaborada de modo a criar uma relação de troca, para que isso não se torne uma reprodução do modelo de educação verticalizada. Neste caso, o Projeto Educomunicação buscou priorizar os saberes de cada participante. Um dos pilares principais do projeto é a valorização da inteligência coletiva, de cada saber, e o entendimento que ninguém sabe tudo, mas todos

sabemos algo (Lévy, 1998). Sendo assim, o projeto lidou com as escolas e os saberes de modo horizontal:

um resultado importante da extensão universitária é relacionar os diversos saberes, ou seja, o contato íntimo com a comunidade e com a realidade social promove um conhecimento mais amplo e permite um domínio maior sobre o assunto. [...] diante dessa nova visão de extensão universitária, esta passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica. (JENIZE, apud RODRIGUES et al, 2013, p.5).

As reflexões e atividades apresentadas pelo projeto proporcionaram a todos nós uma nova visão sobre algo novo, como o uso do aparelho celular, outrora utilizado somente em atividades básicas de telefonia e trocas nas redes sociais. Os aparelhos celulares tornaram-se instrumentos auxiliares na produção de conteúdos diversos, tais como vídeos, áudios, reportagens fotográficas, textos que formam peças transmídias completas. Esta mudança foi percebida e documentada por professores, coordenadores e diretores.

Foram elaborados pelos responsáveis das escolas e pelo professor responsável pela Educomunicação relatos que foram publicados nas páginas dos jornais escritos pelos alunos, como parte do projeto de educomunicação. Na Escola Estadual do Campo Benedita Augusta Lemes, em Jangada, o diretor, professor Lucídio Salles (Jornal Estudantil, 2016, p.2), apresentou um breve texto em que relata como foi importante para escola, ao longo dos quase dois anos do projeto, a experiência vivenciada pela comunidade escolar. Ele conta que antes do projeto os estudantes iam à escola utilizando o celular para assistir vídeos, muitas vezes inadequados ao ambiente escolar, e que agora eles aprenderam a usar ativamente este aparelho, produzindo vídeos e entendendo este aparelho como uma ferramenta para pesquisas e desenvolvimento de trabalhos acadêmicos.

Sobre os professores, ele conta que a vivência neste ambiente colaborativo de aprendizagem e compartilhamento de conhecimento colaborou para a criação de aulas mais dinâmicas, atraentes e conseqüentemente mais proveitosa por parte dos estudantes. Já a professora Luciene Campos (JORNAL ESTUDANTIL, 2016, p.2) trabalhou ativamente no projeto e conta em seu editorial que um dos pontos desenvolvidos que ela considera mais importante foi a saída dos estudantes da rotina da sala de aula para a

realização de pesquisas em suas comunidades, redescobrimo assim a história do lugar onde vivem e suas culturas. Ela aponta que as oficinas e o trabalho de pesquisa geraram uma resignificação sobre a importância da preservação ambiental, do resgate da cultura local e da vivência em sociedade.

Na Escola Estadual de Ensino Integral José de Mesquita, em Cuiabá, três professores trabalharam ativamente no projeto Educomunicação. André Costa, Dancler Freitas e José Parreira Borges (JM NEWS, 2016, p.2) contam em seu editorial, escrito conjuntamente, como a experiência vivenciada pelos alunos e pela escola foi importante para o “vislumbre de novos horizontes didático-pedagógicos”. Eles contam que “as realidades das escolas públicas são anacrônicas e não condizem com as práticas e subjetividades dos jovens do século XXI, que são predominantemente tecnológicas e midiáticas”. Os educadores salientam a valorização das múltiplas inteligências que as práticas do projeto trouxeram à escola e finalizam afirmando que quando há a cooperação entre a universidade e a escola de ensino básico, muito tem a contribuir com a sociedade em todas as suas completudes.

As mudanças proporcionadas pelo projeto transcendem a momentaneidade e a barreira do tempo quando são incorporadas às suas práticas cotidianas. Ainda que o projeto não venha a ter continuidade, a reflexão crítica acerca das mídias e a percepção das tecnologias de informação como aliadas no processo de aprendizagem sinalizam a possibilidade de um processo transformador. As vantagens e os avanços observados foram significativos a tal ponto que não merecem ser deixados ao esquecimento ou vinculados à continuidade do projeto. Prova disto são os trabalhos que contam a história das comunidades, realizados foram do horário de aula, em um trabalho conjunto entre professores e alunos.

Os estudantes passaram a lidar com as tecnologias de informação e comunicação de outro modo. É sabido que eles possuem completa capacidade de manuseio destes aparelhos, mas as práticas discutidas transformam um simples aparelho em ferramenta de cidadania, aprendizagem e trocas de saberes. A mudança de horizontes proporcionada aos alunos foi perceptível.

Na zona rural encontramos a seguinte situação: famílias que realizam em sucessivas gerações o trabalho no campo, e que o estudo ainda não está entre as prioridades. Os estudantes das escolas da área rural que participaram do projeto passaram a se envolver mais nos estudos e, portanto, foram despertados para a

possibilidade de continuidade dos estudos, nas universidades, o que não estava na pauta de seus interesses imediatos, dada a distância do ensino universitário de suas realidades. Quando um jovem decide pela continuidade de seus estudos, essa mudança transcende o tempo, pois gera uma possibilidade de mudança de toda uma geração. Essa mudança vai desde intelectual a financeira, e pode chegar a mudar a história de toda uma comunidade, a partir do momento em que ele retorna com novos conhecimentos e perspectivas para este ambiente.

A mudança da comunidade começa com o jovem, como já foi apontado anteriormente. Porém, além disso, a relação traçada entre a comunidade e os integrantes do projeto, em que todos os saberes são valorizados, faz com que a comunidade sintam-se valorizada e reconhecida. Quando este sentimento é gerado, a comunidade vê suas próprias capacidades emergirem, conseqüentemente a sua importância para a sociedade em geral. Além disso, as relações de colaboração se fortaleceram, a cultura é valorizada e o sentimento de pertencimento aumentado. Quando os estudantes e professores se juntam às comunidades para contar suas histórias e isso está difundido através da Plataforma Mais 10, o resultado é imensurável, já que se é possível conhecer a história de cada comunidade participante do projeto.

O que muda com a extensão

Como já explicitado ao longo deste trabalho, a extensão acadêmica é uma das razões de existir das universidades públicas no Brasil. Os alunos de graduação são enormemente beneficiados quando a universidade age no mundo exterior. A experiência de ir para o lado de fora dos muros, de colocar em prática aquilo que se aprendeu em teoria nas salas de aula é enriquecedora e, certamente, ajuda a formar profissionais melhores. É exatamente isso que se espera da universidade, quando ela oferece atividades de coparticipação.

Esse movimento, entretanto, não deve nem pode ser visto como um ato de colonização: professores e alunos das universidades não vão a campo para ensinar a “maneira certa” de fazer qualquer coisa - como acontecia na época das grandes navegações, da colonização dos países recém achados e da catequizaçãõ religiosa compulsória. Trata-se, no entanto, de um processo interativo, dialógico, em que ambas as partes atuam livre e abertamente (MIGNOLO apud MOITA e ANDRADE, 2009, p. 271).

No caso do projeto “Educomunicação, Ciência e Outros Saberes”, alunos e professores do Departamento de Comunicação Social da UFMT buscaram compartilhar um pouco do conhecimento adquirido, o que somente é possível quando também estão abertos para ouvir e aprender. Não se trata apenas, reforça mais uma vez Moreira (2014, p. 340), de “uma atividade universitária ‘fora da sala de aula’”, mas de uma “troca de saberes, de afetos e de expectativas”.

No fim, não foi apenas uma experiência acadêmica, mas também, e principalmente, uma experiência profundamente humana. Para Mora-Osejo e Borda (apud MOITA e ANDRADE, 2009, p. 271) “precisa-se de universidades participativas, comprometidas com o bem comum, em especial com as urgências das comunidades [...]”, de modo a favorecer a substituição de “definições discriminatórias entre o acadêmico e o popular”. É preciso levar em consideração os diferentes tipos de saberes, os conhecimentos empíricos do chamado homem comum. Não se pode impor um conhecimento como o correto sobre os demais, não se pode subestimar o conhecimento adquirido durante gerações.

Paulo Freire (apud MOITA e ANDRADE, 2009, p. 272) aponta que “ou se dá um processo de extensão dialógico, ou então se corre o risco de trabalhar com uma interpretação ingênua da realidade, quando não fosse explicitamente um instrumento de dominação, de invasão cultural”. O diálogo, não a imposição de um ponto de vista sobre o outro, é que garantirá sempre o sucesso da extensão acadêmica como alternativa de relacionamento entre Universidade e sociedade. Apenas através de diálogo sincero e aberto é que se pode conhecer o outro, compreendê-lo.

As atividades da extensão, afirma Moreira (2014, p. 344), podem ser vistas como parte do processo de ensino/aprendizagem, uma vez que “complementam as aulas teóricas e as práticas de laboratório”. Além disso, é maneira direta de inclusão, de cidadania, pois inclui nesse processo de investigação a construção de conhecimentos úteis, devolvendo à sociedade um pouco do conhecimento obtido, considerando os impostos por ela pagos, e que sustentam o Ensino Superior Público.

Sobre os depoimentos dos alunos extensionistas

Os alunos de graduação integrantes do projeto concordam que é muito importante que haja ações externas promovidas pela Academia. Eles acreditam que é

possível, através da extensão acadêmica, além da produção de conhecimento, vivenciar experiências que farão diferença na vida acadêmica de cada um.

A extensão é vista, ainda, como uma oportunidade de aprimoramento da vida acadêmica e de convivência com diferentes realidades. Em suma, é uma interação muito humana em que é possível observar de que modo os conhecimentos ensinados na universidade podem ser aplicados.

Os alunos se enxergam como agentes de mudança porque não veem sentido em produzir conhecimento e deixa-lo escondido. Sentem que contribuíram de alguma forma para melhorar a sociedade, que tiveram um crescimento pessoal, principalmente no que diz respeito ao lidar com o outro.

Além disso, reconhecem que as atividades de campo beneficiaram sua vida acadêmica: os veteranos produziram mais e os calouros aprenderam a importância das publicações científicas. Reconhecem que ajudou a manter um bom relacionamento com professores membros do projeto, que são mais focados em pesquisa dos assuntos que lhes são mais interessantes. Muitos acadêmicos já saíram do projeto com orientadores definidos para os trabalhos de conclusão de curso.

Aqueles que desempenharam papel fixo em cada escola acabaram mantendo contato com as crianças e demonstram sua felicidade e entusiasmo pelos resultados obtidos no ENEM, em vestibulares e provas afins. O desempenho dos alunos, sobretudo na redação, foi muito animador.

Hennington (apud Rodrigues, 2013, p.4), sintetiza como a troca de conhecimento entre sociedade e universidade, promovida por programas de extensão, é benéfica para ambas as partes:

Para Hennington (2005), os programas de extensão universitária mostram a importância de sua existência na relação estabelecida entre instituição e sociedade. Acontece por meio da aproximação e troca de conhecimentos e experiências entre professores, alunos e população, pela possibilidade de desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem, a partir de práticas cotidianas, juntamente com o ensino e pesquisa e, especialmente, pelo fato de propiciar o confronto da teoria com o mundo real de necessidade e desejos. Define e possibilita a apreensão dos conteúdos absorvidos entre professor e aluno e beneficia-se com isso a partir do momento em que há o contato com o mundo real.

Resultados e discussão

Segundo a legislação vigente no Brasil, a extensão é um dos pilares da produção científica. Essa ação exterior, contudo, não pode ser vista como um ato de salvação, de auxílio, mas de cooperação entre dois tipos distintos de conhecimento.

Ao deixar a sala de aula o estudante de graduação tem a oportunidade de colocar em prática aquilo que ouviu o professor dizer. Além do contato interpessoal, tão importante na formação profissional e pessoal, uma das consequências deste tipo de trabalho é a produção acadêmica: o envolvimento com comunidades e pessoas recém-descobertas abre um mundo de oportunidades, de observações e de ideias que podem ser úteis na produção de material científico que difundirá os diferentes saberes gerados neste contato.

Os profissionais das escolas que receberam as atividades do projeto “Educomunicação, Ciência e Outros Saberes” concordam que é preciso repensar a escola no novo século. Não pode acontecer que uma instituição de tamanha importância para o futuro da sociedade e da nação continue a ser pensada como nos séculos passados. A escola não pode ser uma ilha retrógrada em meio à era da mobilidade.

Durante todo o projeto, uma de nossas preocupações foi envolver a comunidade externa: pais, familiares e amigos dos alunos eram convidados a assistir o material produzido. Porque acreditamos que a educação não pode ficar reclusa entre os muros de um prédio – seja ele de propriedade dos governos estadual ou federal. Precisa ser externada, como instrumento de transformação e de motivação.

A extensão, no nosso ponto de vista, constitui importante ferramenta por meio da qual a Universidade se faz presente na realidade das comunidades externas, daqueles que são, no fim das contas, a razão de ser da Academia.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Luciene. **Experiência com o projeto Educomunicação**. Jornal Estudantil, Cuiabá, 2016, p.2.

COSTA, André. FREITAS, Dancler. BORGES, José. **Vislumbre de novos horizontes didático-pedagógicos**. JM News, Cuiabá, 2016, p.2.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

LÉVY, Pierre. (1998). **A Inteligência Coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola.

MOITA, Filomena; ANDRADE, Fernando. **Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação**. Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 4, p. 269-393, 2009.

MOREIRA, Benedito Dielcio. **Juventude e Tecnologias de Comunicação: Um lugar para pensar o Ensino, a Pesquisa e a Extensão**. Comunicologia - Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília, v. 7, n. 2, p. 333-348, 2015.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Ações de Extensão: Trabalho Solitário ou Possibilidades de Conexões entre Ensino e Pesquisa?**. Extensão em Foco, n. 2, 2008.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima et al. (2013). **CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA SOCIEDADE**. *Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais*, 8.

SALLES, Lucidio. **Educomunicação na Escola Benedita Augusta**. Jornal Estudantil, Cuiabá, 2016, p.2.